

ESMERALDA, ESMERALDAS . . .

Ana Maria de Almeida

Com essa intensidade de amor, jamais...
Com essa intensidade de amar, amor...
Jamais? Já é mais, eis que vos amais...
Todo amor é jornada ao país
da loucura, verde terra, serras verdes
de esmeraldas raras, fugitivas.

Para a febre, a infusão de violetas vulneráveis, vulvárias férvidas. Mas que nome dar a esse amor que agoniza em março, pelos desmaios de abril? A mão nos cabelos enrolando um cacho, em cacho os dedos enrolando nos cabelos as horas. E o olhar vasto que perscruta na nudez dos gestos o encaixe de um corpo. Ela deixa fluir, com ar de quem sonha, entre os dedos a teia das horas verdes que passam. Esmeralda, esmeraldas, nas sendas dos corpos, no suor do amor. Fugitivas, minha linda! O que existe para o rebrilho dos olhos contemplativos, visionices. E o resto, meu caro? Enleios de carícia só, luz de um só fogo, resfôlego de um só ardor. Não é tudo, minha linda? O torpor da mudez, a torpeza da mudança. O amor contempla, no espelho do lago, lianas de cabelos verdes, sorvedouro de licnídeas afogadas. À superfície, meu caro, um simples cardo, perfil de montanhas desdobradas.

Companha, companhia... Toda a rota é viagem ao país do esquecimento, sonhos verdes dessa mina apaixonada. Rostos em frente, vultos como anjos guerreiros pelas encostas, frente à frente, costa à costa, de frente às costas. Lado a lado, já os rostos em frente, se os olhos fossem vazados para o dentro solene recanto

que não se conhece — os olhos escorrendo como escorrem os verdes regatos e os cabelos entre os dedos e os membros lassos, ah!... O espinho de um cardo. O gume acre e doce da espada na terra sulcada. E o desdobrar de um túnel. E a enormidade dos rostos sem olhos, se fossem devassados...

«A cada amor, diferente a visão de todos eles; o de dentro, fundo espelhado, é como o dom de anjos trôpegos: uma flor de cor impossível, uma espera de impossível tesouro. Minas invulneráveis. A cada um, tão diferente...»

O que não se fala. Nem do cansaço das mãos nos cabelos e o olhar vasto com que se apreende a realidade múltipla de todos os rostos e corpos. Heras e sereias no limbo do sonho. Onde está, minha linda, o corpo em que me estendo, alongo e reconheço? E aquele, meu caro, que se fazia peixe em minhas águas? Paixão e febre, aqueles corpos que restam como estigma dessas minas de martírios e ardem, mortos embora, nos ribeirões do inferno destas terras nuas. Queria-o único, meu caro. Se possível, minha linda, refazer o mito que ecoa e se prolonga em nossa perdição.

Do que se fala sempre: a repetida desventura do entalhador de pedras e decifrador de mapas que chegou de muito atrás das mais altas montanhas. E dela que vinha de onde não sabia, cabelos de verdes ramadas, abraços de revertidos galhos. Onde o segredo do encontro, meu caro? Nos beijos de algas e pelugem, nos tentáculos de pernas enlaçadas. E o verde sorriso no olhar desmaiado, tão pronto para cegar. Para o desencanto bastava o calor amolecendo o dia sob o peso de cada dia. Saturado o olhar de tanto brilho, o corpo emergiu do espelho do lago. Pobre mãe das águas! O fundo segredo, minha linda, está no seu raso, no acaso que rasga as minas do desdém. Se fossem devassadas, ah!...

«O dom dos anjos estropiados: as pedras redondas como ovos, macias ao tato. Aquelas minas aconchegantes. E as fontes que jorram como leite a prata do corpo fecundado».

Por dentro, o desencanto manso que não faz pactos, mas se reparte em palavras de amor, porque só amor é palavra usada para fechar o oco deixado pelo silêncio, se os olhos ficam vazados. Anjos enlouquecidos vagam pelas encostas e enxugam o líquido verde que lhes escorre das pálpebras. Com um trapo estancam o

que poderia ser o mais brilhante tecido de prata e esmeraldas. Ah, essas minas de drogas e astúcias! Se os olhos não escondessem mais do que vissem, meu caro. Não é o chá de manguarás, flores abortadas, minha linda. A seiva das sumaúmas para o fruto dessa mina luxuriosa. O que não se fala, meu caro, depois da febre. Toda a dor é rota ao país das esperas, serras verdes de esmeraldas amargas.

«No meio do jardim em ruínas, a roseira estende botões famintos como as bocas, de súbito apaixonadas, que se beijam atrás das grades da casa de mil e um sonhos. E se fala dessas minas de tortura e dos contos abortados».

Mas há, como outrora, as rotas pelas encostas de Vapabuçu, impossível amor; canais de Venezas iluminadas pelas faiscadeiras. Lá onde os anjos, cegados pela vilania do verde, conversam sobre mulheres de seios amputados e ventres para sempre secos. Ressequidos como as roseiras da casa de mil cantos, onde jazem corpos dos aventureiros mutilados pelos jogos do destino e da paixão. Nessas minas de uivos e sobressaltos, os anjos cegos, mortos ao nascer, não encontram remissão.

«Mas na casa de tantos contos há um rego que refresca os caules e os pés gretados. A chuva lava a ponte e o cheiro verde do dia. Pode-se prosseguir. Ombro a ombro se faz a descoberta de que a falta de olhos e palavras é a única possibilidade de se ser menos só: os anjos famintos, como botões gorados, guiam-se pelo perfume das violetas, e dos alecrins».

Esmeralda, esmeraldas. Os olhos secados, a mão nos cabelos Tateando a sensação do tato que se perde em quimeras loucas. Detestável expressão, minha linda, essa de quimeras loucas... O gume ácido das palavras que espantam sons e perfumes dos mitos, meu caro! E nunca poder ser senão a superfície posta em frente aos olhos. A bondade e a poesia escorrem viscosas da língua que prende todas as revoltas em nome do cansaço. Ser superfície, minha linda, como quadro ou mural de todos os atos apenas esperados. Todo amor é mineração em lagoas de graves traições. Todo amor é ferida, meu caro, em veios e perfurações. O de que não se fala.

«Eram falsas... Ama-se, porém, o olhar de todos os anjos, se não vazados, a manter a possibilidade de se amar olhos verdes, verdes. E uma alegria louca. Mas é melhor ouvir os avisos dos anjos estropiados que vigiam grutas e cachoeiras, desenlaçam tramas de trepadeiras e dissipam o veneno das damas-da-noite».

O que se fala. Esmeraldas, esmeralda. E o não evitar das falsificações interiores, minha linda? Que doem, mas não se refletem na superfície das muralhas mudas dos corpos. Quando muito, são visionices. Assim como os passos não soerguem senão a poeira dos vales mais profundos. Mas o íntimo segredo, meu caro? Sempre fazendo de conta, minha linda, como na casa de tantos contos dessas minas fantasiosas.

«Não foi bem assim. Naquele tempo, fez-se amor como ninguém soube. Não apenas o que se deu e largou por imprevisto. Todo amor é jornada ao país da loucura, às lagoas dos anjos de olhos vazados».

E chovem esmeraldas no ar lavado e trêmulo, chorando pelo impossível dos olhos encobertos. Há os mapas, meu caro! As luzes das estrelas, o sulco da água na pedra. No escuro, as mãos cegas se buscam, os corpos se unem. Inocentes seres alados debruçam-se pensativos sobre a superfície esverdeada das águas. Suavidade de abraços, enlaçar de lianas sôfregas, meu caro. Um sorvedouro de campanhas, minha linda.

«No entanto, eu sei. Nem sempre foi assim. Nem sempre houve a mesma necessidade de salas de vidro cheirando a violetas mortas onde esvoaçam asas embalsamadas. Tempo houve em que o olhar construiu o largo mapa da rota das montanhas dessas minas fecundas».

As mãos lentas nos cabelos, e o olhar vasto de quem sonha impossíveis recônditos. Esmeralda, esmeraldas... Que ninguém encontrou. Se pudesse, meu caro. Cada vez mais fundo, escavando, furiosamente escavando os trilhos e o fundo sulco que nos fazemos na rota de tudo. Não a fraude, o esterco, os planos lisos. Arrancando com os dedos rotos a voz de pedra dos marcos gravados, decifrando na pele as linhas cifradas. Os códigos secretos, meu caro. O mais precioso precipício. Que ninguém alcança sequer,



minha linda, pois cada um é irremediavelmente um e só, até no medo da morte sempre igual.

O que não se sabe. Esmeralda, esmeraldas. O tempo que nunca se teve, no seu transcurso confuso: exigências, mínguas,

desencanto. Na ponta do trilho, no cume do monte, no fundo da grota, que se encontrou? O tempo que lavra no marco confuso a imagem dos amantes enlaçados.

«A subida. A subida, embora. E a sensação enorme de paz reencontrada nas mãos cegas buscando o sulco deixado nas pedras, nas linhas da pele». Mas não é tudo diferente, à frente dos olhos que apenas fixam o vazio? Do corpo possuído, só o esboço ficou além do rosto que a mente esqueceu, apesar de muito amado. «A escalada, mesmo que seja nas asas cegas. O que a mente esqueceu faz o coração pulsar de amor por todos os rostos de possível contorno igual, sob as mãos que tateiam as trevas».

Esmeralda, esmeraldas. A única forma de amar, minha linda? Amar e reamar: sem rostos. Pois os olhos vazados escondem o que a mão nos cabelos, o ar como de quem sonha, constroem no tempo lasso.

A mão nos cabelos, e o tempo escorrendo vasto, pois só há corpos na superfície dos olhos redondos como gemas de preciosos ovos. Esmeralda, esmeraldas. Que ninguém vê. As lágrimas escorrem densas o verde líquido dos olhos de anjos mortos. Resta a superfície do rosto, visível apenas como a face das lagoas dessas minas perigosas.

Vupabuçu? Vupabuçu. Violetas vulnerárias, vulvárias frágeis nos silêncios verdes das lianas. Que nome dar aos seres alados que de amor desmaiam em abril?

As mãos nas ondas vastas do tempo verde, olhos cegados no fulgor de pedra do secreto código dos corpos lassos. Todo o amor é febre nas trevas de esmeraldas fugitivas.